

G R A C E M C C L E E N

A
MENINA
que
fazia
nevar

Tradução
RENATO PRELORENTZOU

PA
RA
L
A

Copyright © 2012 by Grace McCleen

Proibida a venda em Portugal

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL The Land of Decoration

CAPA Joana Figueiredo

PREPARAÇÃO Juliane Kaori

REVISÃO Renato Potenza Rodrigues e Larissa Lino Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

McCleen, Grace

A menina que fazia nevar / Grace McCleen ; tradução Renato Prelorentzou. — 1ª ed. — São Paulo : Paralela, 2013.

Título original: The Land of Decoration.

ISBN 978-85-65530-21-7

1. Ficção inglesa. I. Título.

12-14906

CDD-823

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura inglesa 823

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.editoraparela.com.br

atendimentoaoleitor@editoraparela.com.br

LIVRO I

INSTRUMENTO DE DEUS

O quarto vazio

No princípio, era um quarto vazio, um pouquinho de espaço, um pouquinho de luz, um pouquinho de tempo.

Eu disse: “Vou fazer campos”, e os fiz com toalhas de mesa, tapete, veludo marrom e feltro. Depois, fiz rios de papel crepom, filme plástico e papel-alumínio brilhante, montanhas com papel machê e cascas de árvore. E olhei para os campos e olhei para os rios e olhei para as montanhas e vi que isso era bom.

Eu disse: “Agora um pouco de luz”, e fiz um sol com uma gaiola de metal envolta em colares de contas pendurados, fiz uma lua crescente, estrelas luminosas e, na beirada do mundo, um mar com um espelho, refletindo o céu, os barcos, os pássaros e a terra (onde se tocavam). E olhei para o sol e olhei para a lua e olhei para o mar e vi que isso era bom.

Eu disse: “Que tal umas casas?”. E fiz uma de capim seco, outra com um tronco de árvore oco e mais uma com um pote onde tinham vindo balas de caramelo, e coloquei nela linha de pesca e uma vela, arrumei espaço para um cobertor, uma escova de dente em um copo e um forno, pus uma gaiota no alto do mastro (que na verdade era um cabo de vassoura) e a lancei ao mar (que na verdade era um espelho).

Fiz casas com embalagens de biscoitos feitos para mergulhar no chocolate: o potinho de plástico onde ficava o chocolate era o quarto, a parte redonda logo abaixo, onde ficavam os biscoitos, era a sala de

estar. Fiz casas com caixa de fósforos e ninho de passarinho e vagem de ervilha e conchas. E olhei para as casas e vi que isso era bom.

Eu disse: “Agora precisamos de animais”, e fiz pássaros de papel, coelhos de lã, gatos e cachorros de feltro. Fiz ursos peludos, leopardos listrados e dragões que tinham carapaças e cuspiam fogo. Fiz peixes reluzentes e caranguejos cascudos e pássaros pendurados em fios muito finos.

Por fim, eu disse: “Precisamos de pessoas”, e modelei rostos e mãos, lábios, dentes e línguas. Vesti as pessoas com roupas e perucas e soprei em seus pulmões.

E olhei para as pessoas e olhei para os animais e olhei para a terra. E vi que isso era bom.

O chão visto do ar

Se você está no chão e olha para a terra, ela parece muito grande. Se está no parquinho e se abaixa, com o rosto perto do chão, como se estivesse procurando alguma coisa bem pequena, ela parece maior ainda. Há quilômetros de concreto indo para a frente e quilômetros de céu indo para cima e quilômetros de nada indo para lugar nenhum no meio. Os meninos jogando futebol são gigantes, a bola é um planeta, as meninas pulando são árvores arrancando as raízes e a cada giro da corda a terra treme. Mas se você olha do céu, os meninos e as meninas e a bola e a corda parecem menores que moscas.

Fico vendo os meninos e as meninas. Sei como se chamam, mas não falo com eles. Quando percebem minha presença, eu olho para o outro lado. Pego um papel de bala bem perto do meu pé. Com ele vou fazer flores ou um arco-íris, ou talvez uma coroa. Guardo o papel em uma sacola e sigo em frente.

As ervas daninhas crescem pelo concreto. Nos cantos dos prédios elas estão forçando a passagem, abrindo caminho para a luz. Eu liberto algumas e as ponho com um pouco de terra em uma latinha de chocolate e em um canudo de doces. Elas vão ser plantadas de novo e aí serão carvalhos, palmeiras, umbus e faias. Pego um cadarço jogado em uma poça d'água. “Isso aqui vai ser uma mangueira”, eu digo. “Ou um riacho. Ou uma serpente. Ou talvez uma trepadeira.” E fico feliz, porque em poucas horas estarei de novo no meu quarto, criando coisas.

Então, de repente, estou caindo, o chão se apressa para me encontrar e a areia morde meus joelhos. Um menino de pé em cima de mim. Ele é alto. Tem o pescoço largo. Olhos azuis, sardas, pele branca e nariz de porco. Ele tem cabelo amarelo, cílios claros e um topete de lambida de vaca. Mas acho que ninguém gostaria de lambar o cabelo dele, nem mesmo as vacas, que lambem o próprio nariz. Dois garotos ao seu lado. Um deles pega a sacola que estou carregando. Vira a sacola e papéis de bala, fitas e tampas de garrafa se espalham.

O garoto de cabelo amarelo me puxa. Ele diz: “O que a gente vai fazer com ela?”.

“Pendurar nas grades.”

“Abaixar as calças dela.”

Mas o garoto de cabelo amarelo sorri. Ele diz: “Você já viu uma privada por dentro, sua estranha?”.

O sino toca e as crianças de todo o parquinho correm para fazer fila diante das portas duplas. O menino de cabelo amarelo diz: “Merda”. Para mim ele fala: “Espera só até segunda”, me empurra e sai correndo junto com os outros.

Quando já se afastaram um pouco, ele se vira. Tem uma expressão de sono nos olhos, como se estivesse sonhando e gostando do sonho. Ele passa o dedo pela garganta e depois dá risada.

Fecho os olhos e me encosto nas lixeiras. Abro os olhos, limpo as pedrinhas dos joelhos e cuspo neles. Eu deixo os dois bem esticados para que não ardam mais. Começo a andar para o prédio da escola. Estou triste porque, no fim das contas, não vou mais poder fazer flores, nem um riacho, nem um carvalho. Mas o pior é que, na segunda-feira, Neil Lewis vai botar minha cabeça na privada e, se eu morrer, quem vai *me* fazer de novo?

O sino parou de tocar agora e o parquinho está vazio. O céu vai baixando. Parece que vai chover. Então uma rajada de vento sobe do nada. Ela açoita meus cabelos, infla meu casaco e me carrega. E caindo e batendo e esvoaçando em volta de mim vão embrulhos e papéis e fitas e tampinhas.

Prendendo a respiração

Meu nome é Judith McPherson. Tenho dez anos de idade. Na segunda-feira aconteceu um milagre. É assim que vou chamá-lo. E fui eu que fiz tudo. Foi por causa do que Neil Lewis tinha falado sobre enfiar minha cabeça na privada. Foi porque eu estava com medo. Mas também foi porque eu tive fé.

Tudo começou na sexta à noite. O Pai e eu estávamos comendo cordeiro e ervas amargas na cozinha. Cordeiro e ervas amargas são Coisas Necessárias. Nossas vidas estão cheias de Coisas Necessárias porque estamos vivendo nos Últimos Dias, mas Coisas Necessárias quase sempre são difíceis, que nem rezar. Rezar é necessário porque o Armagedom está próximo, mas a maioria das pessoas não quer ouvir pregações e às vezes grita com a gente.

O cordeiro representa os primogênitos que Deus matou no Egito e também representa Cristo, que morreu pela humanidade. As ervas amargas lembravam aos israelitas a amargura da escravidão e como era bom estar na Terra Prometida. O Pai diz que são ricas em ferro. Mas gosto de pensar nos cordeiros em um campo, não no meu prato, e quando tento engolir as verduras amargas, minha garganta fecha. Naquela sexta à noite, eu estava com mais dificuldade para comer do que o normal, por causa do que Neil Lewis tinha falado. Depois de um tempo, desisti e soltei o garfo. Eu disse: “Como será que é morrer?”.

O Pai ainda estava com o macacão da fábrica. A luz da cozinha fazia buracos em volta dos seus olhos. Ele disse: “O quê?”.

“Como será que é morrer?”

“Que tipo de pergunta é essa?”

“Estou só pensando.”

Seu rosto estava sombrio. “Coma logo.”

Enchi o garfo com as verduras amargas e fechei os olhos. Queria ter tapado o nariz, mas o Pai iria ver. Contei e engoli. Depois de um instante, eu disse: “Quanto tempo uma pessoa consegue sobreviver com a cabeça enfiada debaixo d’água?”.

“Quê?”

“Quanto tempo alguém sobrevive debaixo d’água?”, perguntei. “Sei lá, acho que essa pessoa vai durar mais se já estiver acostumada. Pelo menos até alguém encontrar ela. Mas e se for a primeira vez? Se quem estiver empurrando quiser que essa pessoa morra — e eles querem —, sei lá, se estiverem segurando a cabeça dela debaixo d’água?”

O Pai disse: “Do que você está *falando*?”.

Olhei para baixo. “Quanto tempo alguém sobrevive debaixo d’água?”

Ele disse: “Eu não tenho a menor ideia!”.

Engoli o resto das ervas amargas sem mastigar, depois o Pai tirou os pratos e trouxe as Bíblias.

Nós lemos a Bíblia todos os dias e depois ponderamos sobre o que acabamos de ler. Ler a Bíblia e ponderar também são Coisas Necessárias. Ponderar é necessário porque é o único jeito de descobrirmos o que pensamos a respeito de Deus. Mas os caminhos de Deus são inescrutáveis. Isso significa que você pode passar a vida ponderando e, mesmo assim, não saber o que pensar. Quando tento ponderar, minha mente escorrega para outras coisas, como um jeito de fazer uma piscina e degraus com um bastidor de bordado para a maquete de mundo no meu quarto, ou quantas balas de pera posso comprar com as moedas que tenho no bolso, ou quanta ponderação ainda falta fazer. Mas depois nós sempre conversamos sobre o que ponderamos, então não dá para fingir que você ponderou quando, na verdade, não ponderou nada.

Estava escurecendo do lado de fora da janela. Dava para ouvir os garotos andando de bicicleta na ruela de trás. Subiam uma rampa e, toda vez que desciam, a tábua retumbava. Olhei para o Pai. Eu sabia, só pela forma como suas sobrancelhas saltavam, que devia prestar atenção. Sabia, pelo modo como seus óculos brilhavam, que não devia interrompê-lo. Olhei para baixo, enchi o peito e segurei o ar.

“No nono ano, no décimo mês, no décimo dia do mês, a voz do Senhor me foi dirigida: ‘Filho do homem, anota este dia, este dia exatamente, porque o rei da Babilônia atacou Jerusalém...’.”

Depois de vinte e cinco segundos, a sala começou a pulsar e minha respiração escapou em sopros curtos. Esperei um minuto e prendi o fôlego novamente.

Um cachorro latiu. Uma tampa de lixeira bateu. Os segundos pingavam do relógio sobre a estante da lareira. Depois de vinte e cinco segundos, a sala começou a pulsar de novo e soltei o ar mais uma vez. Deve ter sido um movimento brusco, porque o Pai levantou os olhos e disse: “Você está bem?”.

Abri bem os olhos e fiz que sim com a cabeça.

“Está acompanhando?”

Fiz que sim outra vez e abri ainda mais os olhos. Ele me olhou com as sobrancelhas baixas e recomeçou a leitura.

“Suas impurezas são uma infâmia. Porque tentei purificar-te, mas tu não quiseste ficar livre das tuas impurezas, e agora não ficarás pura até que se acalme minha cólera contra ti. Eu, o Senhor, o disse.”

Esperei dois minutos inteiros e prendi o fôlego.

Segurei. Continuei segurando.

Eu disse: “Vou conseguir. Não vou me afogar”.

Eu me agarrei aos braços da cadeira. Firmei os pés no chão. Afundei o traseiro no assento. Estava nos vinte e quatro segundos quando o Pai disse: “O que você está fazendo?”.

“Ponderando!”, respondi e minha respiração saiu de uma vez só.

Uma veia se agitou na têmpora do Pai. “Você está muito vermelha.”

“É que é um trabalho duro.”

“Isso não é brincadeira.”

“Eu sei.”

“Você está acompanhando?”

“Estou!”

O Pai soltou um pouco de ar pelo nariz e começou a ler de novo. Esperei três minutos inteiros. Depois prendi o fôlego mais uma vez.

Enchi cada pedacinho do meu corpo com ar: meu estômago, meus pulmões, meus braços e minhas pernas. Meu peito doía. Minha cabeça martelava. Minhas pernas saltitavam.

Não percebi que o Pai tinha parado de ler. Não vi que estava olhando para mim até ele dizer: “*Mas o que é que está acontecendo aqui?*”.

“Não estou me sentindo muito bem.”

Ele pôs a Bíblia de lado. “Vamos deixar uma coisa bem clara. Eu não estou lendo isso para divertir você. Não estou lendo isso para o meu bem. Estou lendo porque isso vai salvar a sua vida. *Então trate de se sentar direito, pare de se remexer e comece a prestar atenção!*”

“Certo”, eu disse.

Ele esperou um minuto e depois começou a ler de novo. “*Chegou a hora. Eu agirei, não desistirei, não terei dó nem me arrependerei. Os teus caminhos e as tuas ações te julgarão, declara o Senhor.*”

Eu tentava acompanhar, mas só conseguia pensar na privada, só conseguia ouvir a descarga, só conseguia sentir as mãos me empurrando para baixo.

“*Então me perguntaram: ‘Porventura não nos vais explicar o que significam estas coisas?’ . A isso respondi: ‘Eis o que me falou o Senhor: Isto dirás à casa de Israel’ ... Judith!*”

O Pai leu essa parte de qualquer jeito, sem parar, nem olhar para cima.

“Quê?” Meu coração se enroscou no pulôver.

“Continue a leitura, por favor.”

“Oh.”

Olhei para a página que fervilhava de formigas. Eu me virei e meu rosto ficou quente. Eu me virei de novo e meu rosto ficou mais quente ainda.

O Pai fechou sua Bíblia. Ele disse: “Vá para o seu quarto”.

“Eu vou ler!”, rebati.

“Não, você obviamente tem coisa melhor para fazer.”

“Eu estava escutando!”

O Pai disse: “Judith”.

Eu me levantei.

Minha cabeça estava muito quente, como se estivessem passando coisas demais por ela. Estava confusa também, parecia que tinha sido chacoalhada. Fui até a porta. Pus a mão na maçaneta e disse: “Não é justo”.

O Pai levantou os olhos. “O que foi?”

“Nada.”

Seus olhos flamejaram. “Melhor assim.”